

O poder da literatura para a decolonialidade dos saberes: proposta de sequência didática a partir do livro *Íségún*, de Lu Ain-Zaila

El poder de la literatura para la descolonialidad del conocimiento: propuesta de secuencia didáctica a partir del libro *Íségún*, de Lu Ain-Zaila

Sandra Romero Silveira¹

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo sobre letramento literário e sua relação com a aplicação das leis étnico-raciais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 na educação básica, com ênfase na obra *Íségún*, de Lu Ain-Zaila e tem como objetivo evidenciar a importância do ensino de literatura afro-brasileira e sua contribuição para uma educação antirracista e inclusiva. A metodologia adotada baseia-se em uma revisão bibliográfica e em uma proposta de sequência didática voltada para a leitura e discussão da obra, aliada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no caso das competências previstas para a área de Linguagens e suas Tecnologias. A fundamentação teórica está ancorada nos conceitos de letramento literário propostos por Rildo Cosson e Marcel Amorim et al, além de pressupostos sobre representatividade e ensino interdisciplinar. A análise da obra *Ísegún* destaca sua relevância para a compreensão das questões étnico-raciais e socioambientais, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e desigualdade social. A sequência didática proposta busca aproximar os estudantes da narrativa, incentivando a leitura crítica e o desenvolvimento de competências argumentativas. No campo da interdisciplinaridade, o estudo dialoga com áreas como História, Geografia e Sociologia, favorecendo uma abordagem ampla das questões raciais e sociais. Os resultados esperados envolvem o fortalecimento da consciência crítica dos alunos, a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento da literatura afro-brasileira como ferramenta de transformação social. Dessa forma, o artigo reafirma a urgência da implementação efetiva das leis étnico-raciais no ensino, promovendo uma educação mais equitativa e alinhada às demandas de uma sociedade plural e democrática.

Palavras-chave: Ensino decolonial; leis étnico-raciais; letramento literário; *Íségún*, Lu Ain-Zaila.

Resumen: Este trabajo presenta un estudio sobre la alfabetización literaria y su relación con la aplicación de las leyes étnico-raciales 10.639/2003 y 11.645/2008 en la educación básica, con énfasis en la obra *Ísegún* de Lu Ain-Zaila y la investigación pretende destacar la importancia de la enseñanza de la literatura afro brasileña y su contribución a una educación antirracista e inclusiva. La metodología adoptada se basa en una revisión bibliográfica y una propuesta de secuencia didáctica dirigida a la lectura y discusión de la obra, combinada con las directrices de la Base Curricular Nacional Común (BNCC) en el caso de las competencias previstas para el área de Lenguas y sus Tecnologías. La base teórica está anclada en los conceptos de alfabetización literaria propuestos por Rildo Cosson y Marcel Amorim et al, así como en las premisas sobre representatividad y enseñanza interdisciplinar. El análisis de *Isegún* destaca su relevancia para la comprensión de cuestiones étnico-raciales y socioambientales, promoviendo reflexiones sobre identidad, pertenencia y desigualdad social. La secuencia didáctica propuesta busca acercar a los estudiantes a la narrativa, fomentando la lectura crítica y el desarrollo de habilidades argumentativas. En el campo de la interdisciplinariedad, el estudio dialoga con áreas como Historia, Geografía y Sociología, favoreciendo un abordaje amplio de las cuestiones raciales y sociales. Los resultados esperados implican el fortalecimiento de la conciencia crítica de los estudiantes, la valoración de la diversidad cultural y el reconocimiento de la literatura afro brasileña como herramienta de transformación social. De esta forma, el artículo reafirma la urgencia de implementar efectivamente las leyes étnico-raciales en la enseñanza, promoviendo una educación más equitativa y alineada con las demandas de una sociedad plural y democrática.

Palabras-clave: Enseñanza decolonial; leyes étnico-raciales; alfabetización literaria; *Íségún*; Lu Ain-Zaila

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmica da Licenciatura em Letras – Português e Espanhol. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3199-3119>. E-mail: sansergiosilva@gmail.com

Desconstruir o currículo eurocêntrico, predominante ainda hoje nas escolas brasileiras, exige autonomia docente e coragem para modificar as práticas pedagógicas utilizadas até então. O artigo a seguir tem a finalidade de apresentar possibilidades para a aplicação das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatórios os ensinos de história e cultura afro-brasileira e indígenas nesses ambientes. As leis, criadas há anos, oferecem aos estudantes uma chance de uma reparação histórica incluindo nos currículos escolares as narrativas dos povos afrodescendentes e indígenas, que sempre trabalharam para a formação desta nação, embora sejam vítimas de um apagamento histórico. Pelo fato de essas leis ainda não serem unanimemente utilizadas, se torna tão relevante a discussão e as sugestões que serão apresentadas neste espaço.

A sugestão central de proposta passa pela utilização da literatura como ferramenta para promover uma educação antirracista e decolonial. Para isso, se propõe uma sequência didática com a obra *Íségún* (2019), de Lu Ain-Zaila, que dialoga com questões como: ancestralidade, meio ambiente, segregação espacial e protagonismo negro. Alinhada às diretrizes da BNCC, a sequência didática sugere atividades interdisciplinares e o uso de tecnologias para o letramento literário com os estudantes. As estratégias de letramento literário seguem, por sua vez, os passos sistemáticos do teórico Rildo Cosson (2009) com as colaborações de Marcel Amorim et al, autores da obra *Literatura na Escola* (2022). Foi utilizado como opção metodológica, durante o desenvolvimento da escrita da sequência didática, o entrelaçamento das teorias do letramento literário com as atividades pedagógicas sugeridas, e com as habilidades da BNCC. Não havendo, portanto, uma separação objetiva entre os aparatos teóricos pesquisados, a análise do livro *Íségún* e a descrição das estratégias pensadas para trabalhá-lo em sala de aula.

Esse trabalho se justifica pela necessidade de ampliar as representatividades negra e indígena na educação. Corroborando com essa ideia, a literatura demonstra seu poder transformador dos sujeitos e se coloca como um meio de resistência e reexistência capaz de oferecer novas perspectivas sobre o passado, o presente e o futuro das populações afrodescendentes e indígenas neste país.

APLICAÇÃO DAS LEIS Nº 10.639/2003 E Nº 11.645/2008 A PARTIR DA LITERATURA

As leis, nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, discorrem sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. A esse respeito, para desenvolver e aplicar essas leis, instituídas há

20 anos, precisamos refletir sobre a urgência de decolonizar a aprendizagem escolar, afirmando a participação dos pretos brasileiros e sua resistência na história do país. Para que isso aconteça de fato, nada melhor do que utilizarmos a leitura literária, como defende Rildo Cosson, em *Letramento Literário* (2009 p.16):

A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.

A obra literária tem seu lugar no ensino sistematizado escolar, porém, deve ser acompanhada por um processo contínuo de letramento. Na obra *Literatura na escola* (2022, p.96), Marcel Amorim *et al* entendem os “letramentos literários como os movimentos contínuos, responsivos e ideológicos de apropriação do texto literário como construção de sentidos sobre os textos, sobre nós mesmos e sobre a sociedade”. A literatura como lugar de resistência e reexistência, conforme os mesmos autores, nos mostra práticas sócio-literárias de força contra a opressão e de potencialização de vozes sociais que sempre foram oprimidas na história do Brasil. Essa literatura, por sua vez, nos faz refletir, como docentes, na função literária, nos motivos que nos levam a ensinar literatura e pensar sobre ela:

Enxergamos, portanto, a educação como um processo de desconstrução, de abalo de certezas, de vertigens, de estímulos a perguntas, muito além do alcance de possíveis respostas, sempre provisórias. Cada dia mais, a sala de aula nos interroga acerca do sentido de nossa prática num mundo onde as formas de acesso ao conhecimento apresentam-se tão vastas (...) Respostas a essa interrogação, não as temos, mas é essa uma das perguntas que devem mover nosso cotidiano, como educadores, levando-nos a uma experiência renitente de (des)aprendizagem. (Amorim *et al*, 2022, p.104).

A (des)aprendizagem, aqui, é o cerne da questão; precisamos o quanto antes (des)aprender alguns conceitos e pensar em novas possibilidades no ensino de literatura dentro da escola. Os educandos precisam aprender a criticar saberes que não são mais convenientes a respeito da história do nosso país. A BNCC, pois, parece concordar com essa afirmação, quando menciona a necessidade de reconstrução do modelo escolar:

Com a perspectiva de um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o Ensino Médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho. (Brasil, 2017, p. 462).

Essa reprodução de valores que não são das “minorias”, nesse caso, da população desprivilegiada, não faz mais nenhum sentido para os currículos da educação formal contemporânea. E essa visão é condizente com o ensino decolonial que queremos empreender.

Para a proposta de sequência didática apresentada a seguir, o objeto de estudo selecionado será o texto literário, a saber, a novela² *Ìségún*, de Lu Ain-Zaila. Publicada em 2019 pela Monomito Editorial, a obra é descrita pela autora como uma novela *cyberfunk*³, um termo que, segundo ela, vai além da simples substituição da letra “p” por “f”. Trata-se, pois, de um conceito de ficção especulativa afrofuturista que incorpora a ginga das periferias e das bordas dos grandes centros. Com essa nomenclatura *cyberfunk*, a narrativa aborda temas como meio ambiente, ética tecnológica, segregação espacial e social, culminando no insólito ancestral.

SOBRE O LIVRO

Para situar o leitor sobre a sequência didática a se desenvolver, será apresentado um breve resumo sobre o enredo da obra *Ìségún*, que é uma novela que mergulha num futuro distópico onde a humanidade luta com as consequências da poluição ambiental. A autora, Lu Ain-Zaila, através de sua narrativa, apresenta um mundo *cyberfunk* com elementos da cultura afro-brasileira e da ficção científica especulativa, em formato distópico.

A personagem principal, Zuhri, é uma detetive que se envolve em uma investigação que a levará a descobrir um mundo oculto, cheio de mistérios ancestrais, tecnológicos e ambientais. Enquanto procura o assassino de um cientista que trabalhava no desenvolvimento de um filtro capaz de limpar a poluição, Zuhri estabelece contato com Ayomide, um ser enigmático que a ajudará a explorar o seu passado e a sua ligação a forças ancestrais. Lu Ain-Zaila incorpora o conceito de Sankofismo, uma filosofia africana que envolve o regresso ao passado para construir o futuro, procurando nas raízes ancestrais a sabedoria e a força para transformar o presente.

A obra combina elementos primordiais para o conhecimento da história e cultura africana ambientando-se em um Brasil futurista marcado por graves problemas ambientais. A narrativa se desenvolve em um local dividido entre Cidade Alta e Cidade Baixa, onde a segregação espacial e social é evidente. Os mais pobres, majoritariamente residentes na Cidade Baixa, vivem em condições de maior vulnerabilidade, estando mais expostos à poluição. Um dos aspectos de destaque da obra é a

² Novela é um texto narrativo de tamanho intermediário entre o conto e o romance. Como qualquer narrativa, apresenta espaço, tempo, enredo, narrador e personagens. É um texto escrito em forma de prosa.

³ Dentro do gênero ficção científica temos bons exemplos do que significa refazer caminhos e visões: A mudança da terminação “punk” para “funk” é outro elemento importante, pois sai da dinâmica de um rock branco para um soul negro. A lógica funk tem a ver com a experiência de uma pessoa negra: a experimentação sensorial; pessoa chave da mudança, relendo a escravidão, relendo os problemas urbanos passados – presentes – futuros. É como se o som funk, o letrismo do hip-hop, os atabaques africanos, os tambores afro-cubanos batá, as cuícas brasileiras e os remixes da mesa de som encontrassem uma harmonia e coexistissem ajudando a contar histórias.

realidade periférica de seus personagens em contraste com os personagens que habitam a Cidade Alta. *Íségún*, convida-nos a refletir sobre questões como o racismo, identidade, justiça ambiental, esperança e ancestralidade. Ademais, o tema da ancestralidade, presente na obra desde o começo, nos dará a oportunidade de trabalhar com os alunos o insólito na literatura:

*Hablamos de una literatura que nos plantea una ecuación asentada de nuevo sobre la base de la escritura elíptica y enigmática pero con una inédita combinación de los términos: lo insólito con el realismo cotidiano salpicados en ocasiones por el humor (...), en situaciones que se instalan en un curioso vaivén entre lo racional y lo irracional pero dentro del amplio espectro de lo real.*⁴ (Bay, 2016, p. 134)

A obra de Lu Ain Zaila se divide em 10 capítulos. Para iniciarmos o letramento literário, o autor Rildo Cosson (2009) nos orienta em alguns passos para a sistematização do ensino de literatura, usando a sequência básica e a sequência expandida, compostas das mesmas etapas, mas com oportunidade de mais aprofundamento no caso da segunda. Os quatro passos da sistematização do letramento literário de Cosson são a motivação, introdução, leitura e interpretação:

Motivação (preparação para que o aluno entre no texto, na discussão temática relacionada), *introdução* (apresentação do autor e da obra), *leitura* (a leitura propriamente dita) e *interpretação* (que envolve o momento interno, pessoal e o externo, compartilhamento da leitura e ampliação dos significados previamente construídos). (Amorim *et al*, 2022, p. 92)

Independentemente da realidade escolar em que se está inserido, é imprescindível que os alunos tenham acesso à leitura integral do livro, permitindo assim o importante exercício destacado por Cosson (2009, p. 63):

Ao lermos um texto literário, obtemos muito mais que informações sobre a história narrada, é por isso que o conhecimento dessas informações não garante a leitura do texto. A leitura do texto literário é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente.

Conforme o autor, o letramento literário ocorre quando a leitura integral de uma obra literária se articula com a prática social, apresentando um objetivo claro e uma atividade concreta que dialoga com a realidade do leitor em seu contexto social. Essa conexão com a vida cotidiana possibilita a efetivação do letramento, mesmo em uma narrativa distópica, pois permite que o aluno-leitor estabeleça paralelos entre a ficção e sua própria vivência. No caso de *Íségún*, essa aproximação se dá por meio da representatividade periférica e mestiça, refletindo a identidade da maioria dos estudantes brasileiros. A obra não apenas insere personagens racializados como protagonistas, mas também questiona estruturas sociais e ambientais que historicamente afetam de forma desproporcional as populações

⁴ Trata-se de uma literatura que nos apresenta uma equação ausente, mais uma vez, na base de uma escrita elíptica e enigmática, mas com uma combinação inédita de termos: o insólito com o realismo cotidiano, por vezes polvilhado de humor (...), em situações que se desenrolam num curioso vaivém entre o racional e o irracional, mas dentro do amplo espectro do real. (Bay, 2016, p. 136, tradução da autora).

negras e marginalizadas. Além disso, a narrativa evidencia uma realidade urgente para toda a humanidade: os impactos das mudanças climáticas e suas consequências desiguais, que aprofundam as vulnerabilidades já existentes. O docente que reconhecer a potência dessa obra como instrumento de reflexão crítica, incentivará os estudantes a problematizarem as questões raciais e ambientais presentes no texto e a compreenderem como esses aspectos se entrelaçam em sua própria realidade.

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Serão sugeridas neste trabalho algumas atividades, que podem ser adaptadas de acordo com as características de cada turma; o crucial, contudo, é que o professor use os quatro passos da sistematização do ensino literário. A cada sugestão, serão apresentados os códigos das habilidades da BNCC, para auxiliar a contextualização dos objetivos dentro da sequência didática, garantindo maior alinhamento com as diretrizes curriculares nacionais. Essa abordagem possibilita que os professores compreendam, de forma mais clara, a intencionalidade pedagógica das atividades propostas, promovendo um ensino mais significativo e conectado à realidade dos estudantes. Além disso, ao integrar a BNCC à sequência didática, busca-se assegurar que as práticas em sala de aula atendam às competências essenciais postuladas para o desenvolvimento dos alunos, facilitando a articulação entre teoria e prática. Dessa forma, os docentes poderão planejar suas aulas de maneira mais estruturada, garantindo que os conteúdos abordados estejam em sintonia com as habilidades esperadas para cada etapa da aprendizagem.

Para a motivação da leitura de *Ìségún*, uma sugestão é explorar com os estudantes as evocações da capa da obra, promovendo um debate sobre os elementos visuais e simbólicos presentes na ilustração, desse modo pode-se criar expectativas e formular hipóteses sobre a história que está por vir. Algumas sugestões para reflexão podem incluir os seguintes questionamentos: (1) Como as cores, a vestimenta e os traços da personagem dialogam com a ancestralidade e a modernidade? (2) Há indícios de uma fusão entre tradição e inovação? (3) Como esses elementos podem estar relacionados à trama do livro? (4) A capa sugere uma narrativa de ficção científica ou fantástica? (5) O que o nome *Ìségún* (palavra iorubá que significa "reverência aos antepassados") sugere em relação à ilustração? (6) Como você interpreta essa palavra em relação à imagem da capa? (7) O que você espera encontrar nessa leitura? (8) Quem são as figuras centrais na capa? (9) O que a postura e o olhar delas comunicam? Força? Determinação? Mistério? Ligação? (10) As cores predominantes na capa criam qual atmosfera: Urbana? Futurista? Sombria? Vibrante? (11) Como essa

imagem te faz sentir? (12) A capa remete a algum filme, série, jogo ou outra obra de ficção científica ou fantasia que você conheça? Se sim, quais elementos fazem essa conexão? (13) A obra aborda temas como tecnologia, ancestralidade africana e questões ambientais. Como esses temas podem estar representados na capa?

Esse exercício estimula, por sua vez, a construção de hipóteses sobre a obra e desperta o interesse dos alunos, incentivando uma leitura mais crítica e engajada. Essa atividade contempla a habilidade EM13LGG103 - que propõe que os estudantes analisem o funcionamento das linguagens para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses, incluindo as linguagens visual, verbal, sonora e gestual.

A curiosidade, então, fará seu papel ao mostrarmos aos alunos a imagem da capa. Será que poderão adivinhar o tema da história que vamos ler? Para essa atividade, o docente poderá colocar as perguntas em folhas de papel e projetar a imagem da capa ou até mesmo passar o livro físico de mão em mão.

Após observar a capa e conectar seus elementos com o título, o próximo passo será a introdução, contando aos alunos um pouco sobre a autora, o contexto da obra e sobre o afrofuturismo, o que contempla a habilidade EM13LGG202 - com o objetivo de capacitar os alunos a refletirem sobre os usos da linguagem em diversos contextos, reconhecendo seu papel na construção das relações sociais e na formação de subjetividades.

Após os primeiros momentos de motivação e introdução, que podem durar apenas 10 ou 15 minutos, pode-se iniciar a leitura do prólogo com os alunos, fase essa que inicia a leitura propriamente dita. Essa leitura de 16 páginas pode culminar em uma conversa sobre o que foi lido.

Em relação ao enredo da narrativa, no prólogo a tenente Zuhri investiga resíduos tóxicos não mapeados, uma tarefa que exige o uso de trajes especiais tanto para ela quanto para sua equipe. O cenário é um futuro distópico em que, anos antes, o centro da cidade foi devastado por duas grandes enchentes de lixo tóxico, tornando a área inabitável e intocável. No entanto, em meio ao caos ambiental, alguns grupos infringem o código ambiental e operam um mercado clandestino, contrabandeando produtos contaminados com resíduos cancerígenos. Essa rede criminosa segue uma rígida hierarquia e Zuhri descobre que a carga tóxica ilegal chega ao porto a cada três meses. Durante uma operação policial, a tenente se depara com Ayomide, uma personagem que transformará o rumo da história. As duas permanecerão juntas até o desfecho da trama, o que justifica a presença delas na capa do livro, onde aparecem envoltas por uma tonalidade azul, evocando a simbologia da água.

Durante a leitura do prólogo, observamos a cena em que Zuhri e Ayomide se conhecem, momento em que memórias da mãe de Zuhri emergem, especialmente aquelas sobre as circunstâncias de sua morte em um deslizamento de morro durante uma tempestade. Esse resgate emocional está profundamente ligado ao turbante, um elemento de forte significado cultural para pessoas afrodescendentes. O turbante não é apenas um adorno, mas um símbolo de identidade, ancestralidade e resistência, carregando histórias e tradições que atravessam gerações. Ao lembrar-se de sua mãe, Zuhri também se recorda de que nunca mais fez um turbante desde sua perda; essa ausência reflete não apenas o luto, mas também um afastamento de sua própria herança cultural. O reencontro com essa lembrança, especialmente na presença de Ayomide, sugere um possível caminho de reconexão com suas raízes e com a força simbólica desse acessório ancestral.

Por que resolvi pensar nisso agora? Minha mãe me contava muitas histórias enquanto me preparava para orar pelos nossos ancestrais e protetores. Mas o deslizamento do morro onde morávamos interrompeu nossa história. Tinha um lixão embaixo dele (...) Desde a sua morte, nunca mais fiz um turbante, ou qualquer uma das coisas que fazíamos juntas. Isso mudou no dia em que conheci Ayomide. (Ain-Zaila, 2019, p. 27).

A lembrança da perda de sua mãe traz à personagem principal a memória de sua herança ancestral e também remete o leitor a uma visão das desigualdades sociais; a perda da progenitora se deu pelo fato de morarem em cima de um lixão, que desmoronou com as chuvas. Tradições como o turbante, por sua vez, podem ser compartilhadas com a turma, motivando a troca de experiências reais a respeito das diversas culturas vivenciadas por cada estudante. Dando continuidade a essa sequência, pode-se trazer algum(a) convidado(a) para ensinar a fazer turbantes e conversar com eles sobre a origem do turbante e seu significado. Essa proposta atenderia à habilidade EM13LGG301 - participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos. Essa habilidade visa desenvolver a capacidade dos alunos de se engajarem ativamente em criações tanto individuais quanto coletivas, utilizando diversas formas de expressão.

Sabe-se que nem sempre é possível realizar tudo que planeja-se para a aula; caso isso aconteça e o professor não tenha alguém que possa falar sobre o tema ou realizar uma oficina de turbantes, é possível realizar uma pesquisa prévia para conversar com os alunos ou mostrar vídeos e slides sobre a história dos turbantes africanos, contemplando assim a habilidade EM13LGG401 - que prevê analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno geopolítico, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso. Outra possibilidade seria trabalhar com o professor de História, oportunizando aos alunos um diálogo interdisciplinar.

Segundo Cosson (2009), a obra literária deve ser lida integralmente pelo estudante. Essa é a parte mais importante do letramento, pois existem dois momentos cruciais na interpretação dos textos, um momento interior e um momento exterior. Dessa maneira, pode-se compreender que o autor se preocupa em demonstrar aos docentes a etapa principal desse processo, evidenciando o encontro do estudante com a obra e seus significados:

Esse encontro é de caráter individual e compõe o núcleo da experiência da leitura literária... Ele não pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico, a exemplo da leitura do resumo, nem compensado por algum artifício de intermediação, como ver o filme ou assistir à minissérie na tv em lugar de ler o livro. Nós, os professores de literatura, sabemos que esse é o momento em que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras. (Cosson, 2009, p. 65).

Mesmo parecendo, em princípio, que a leitura seja um ato individual, pois cada leitor vai interpretar a obra literária com seus próprios conhecimentos, a leitura em si é um ato social, porque através dela podemos compartilhar as experiências vividas e solidarizar o ato solitário:

...temos a leitura literária como aquela em que, diante do texto (social, política, cultural e historicamente situado), o leitor (igualmente situado) consegue reconstruir elementos que abrangem as dimensões cognitiva, ética e também estética de sua existência em sociedade. (Amorim *et al*, 2022, p. 73)

O estudante-leitor vai trazer para a sua leitura todos os seus conhecimentos prévios e dar a eles alguns outros significados, alcançando novas visões e abrangendo outras dimensões de sua própria vida. Durante a leitura coletiva da obra, é possível que o regente da disciplina combine com os alunos a melhor maneira de continuar a ler. Cada capítulo pode ser lido em sala de aula, junto com o professor. Porém, é necessário advertir que uma leitura em grupo pode proporcionar uma fuga e poupar o estudante de ler ao ficar somente ouvindo, e esse não é o objetivo. Nesse caso, poderia-se dividir a leitura em dois momentos: a leitura em grupo até determinado capítulo, e a leitura individual silenciosa, mesclada com outras atividades durante as aulas. Nesse sentido, busca-se efetivar o previsto na habilidade EM13LP28 - que visa organizar situações de estudo e utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão.

Após a leitura do primeiro capítulo, a sugestão é assistir ao filme “Uma história de amor e fúria”, disponível na plataforma digital YouTube, visando contemplar assim as habilidades EM13LP10 - relacionar textos literários a outras manifestações artísticas e culturais, analisando como diferentes linguagens constroem sentidos sobre temas semelhantes e EM13CHS601 - analisar processos históricos de resistência, conflitos e transformações sociais, considerando as relações de poder e os impactos no presente.

Esse filme, por sua vez, traz uma narrativa contada por um homem de 600 anos, o que corrobora com a distopia e ao mesmo tempo conta a história do Brasil através da vivência desse protagonista em suas diversas vidas. O protagonista relembra especificamente de quatro momentos de grande opressão no Brasil, que são das datas de 1500, 1800, 1970 e 2096. Aqui chegamos em um ponto de ligação entre o passado e a história:

A primeira parte da narrativa mostra o período da colonização do Brasil. Na pele do índio tupinambá Abeguar, o personagem se depara com as dificuldades enfrentadas pelos franceses na região em oposição ao poder de Portugal. O filme destaca a violência que os índios sofreram nesse conflito. A segunda explora os acontecimentos na época da escravidão. Como Manuel do Balaio, o protagonista é o líder da Balaiada, revolta do período regencial que ocorreu no Maranhão, e vivencia o massacre que a população envolvida no movimento enfrentou. Já em 1970, a ideia foi mostrar o personagem durante a ditadura militar. Ao lado de Janáina, lutando contra o regime, ele é preso e torturado. Por fim, o filme apresenta uma intensa disputa pela água em um futuro não muito distante. (Di Spagna, 2018).

A animação brasileira apresenta uma frase condutora extremamente pertinente para o contexto trabalhado: “viver sem conhecer o passado é andar no escuro”. Para explorar essa obra em sala de aula, uma possibilidade é a aplicação de um questionário reflexivo⁵, atendendo à habilidade EM13LGG604 - analisar criticamente produções culturais e da mídia, considerando os usos da linguagem e seus efeitos de sentido, os interesses que representam e as relações de poder que instauram. O filme, por sua vez, aborda diferentes formas de repressão ao longo da história do Brasil, e ainda projeta um futuro distópico, em 2096, onde a água potável se torna um recurso exclusivo dos detentores do poder financeiro, levantando um alerta sobre a desigualdade social e mostrando uma analogia com a obra em estudo, pois no livro *Íségún* também temos questões ambientais não resolvidas no futuro e que marcam as desigualdades sociais.

Ao apresentar esse filme aos estudantes, abre-se um espaço para discutir o multiculturalismo presente no Brasil, bem como a resistência dos povos indígenas e africanos frente às opressões históricas. A Revolta da Balaiada é um dos exemplos de insurreições lideradas por escravizados que podem ser explorados nesse contexto. Em consonância com a habilidade EM13LGG604 - o objetivo é de que os alunos compreendam a mensagem do filme como uma leitura crítica da história do Brasil. Além disso, essa abordagem permite também uma possível atividade interdisciplinar em parceria com a área de História, o que seria fundamental para a aplicação das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

⁵ O filme completo está disponível na plataforma Youtube e também na Netflix e Amazon Prime. O questionário indicado é do site da Olimpíada Brasileira de História (https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/vw/1IN8k4IPrMDY_MDA_7e3d5_/Sugest%C3%A3o%20de%20atividade%20-%20Uma%20hist%C3%B3ria%20de%20amor%20e%20f%C3%BAria.docx).

É imperioso destacar para os estudantes o impacto das heranças culturais na formação da identidade brasileira. A história, por muito tempo, silenciou os protagonismos negro e indígena, mesmo que suas contribuições sejam parte essencial da nossa história, e, no caso dos povos originários, datem de antes da chegada portuguesa ao território nacional. Ao reconhecer essas narrativas, é possível promover uma educação mais crítica e inclusiva, portanto decolonial, aos nossos estudantes.

Outros filmes brasileiros⁶ também podem ajudar a decolonizar o ensino em nosso país, que perpetua o eurocentrismo desde os tempos da colônia. Ao assistir à animação, alcança-se a atenção dos estudantes pelo uso multissemiótico e consegue-se um diálogo com as questões tratadas na obra literária, pois os estudantes verão retratada a história do Brasil em alguns momentos importantes.

No segundo capítulo de *Iségún*, Zuhri passa a trabalhar em um caso de assassinato na Cidade Baixa, uma região contaminada por lixo tóxico e habitada majoritariamente por pessoas negras e pobres — incluindo a própria protagonista, que escolheu viver ali. Esse ambiente marginalizado não apenas define a ambientação da trama, mas também reforça as desigualdades sociais e ambientais presentes nesse futuro distópico. O mistério em torno do assassinato se torna o fio condutor da história, levando Zuhri a desvendar conexões entre crime, degradação ambiental e injustiça social. Além disso, a obra destaca a urgência das questões ambientais em um cenário futurista que, embora situado em um espaço de ficção, se apresenta como um alerta para os perigos reais do colapso ecológico e da desigualdade que afeta diferentes membros da sociedade. No universo da narrativa essas questões já se tornaram um problema irreversível, sugerindo que as escolhas feitas no presente terão impactos profundos no futuro. Nesse sentido, pode-se provocar a turma com a reflexão sobre os problemas ambientais que estão ocorrendo na contemporaneidade, e como eles afetam individualmente cada um de nós.

Um terceiro elemento intrigante da narrativa são as rádios clandestinas, responsáveis por tocar músicas antigas. Esse detalhe revela a importância da memória e da cultura como formas de resistência. Em um mundo distópico, onde a tecnologia e a degradação ambiental moldam a sociedade, essas rádios clandestinas simbolizam uma tentativa de preservar identidades, resgatar o passado e desafiar um sistema que marginaliza tanto a população quanto sua herança cultural. Juntas, essas três questões expõem os principais conflitos do enredo e aprofundam a crítica social presente na obra. A questão do assassinato é o mistério que leva muitos leitores até o final da leitura. Embora o assassinato seja relevante para a trama, devemos levar em conta com maior afinco os outros dois

⁶ Outro filme brasileiro distópico que não é uma animação, mas trata muito bem de preencher lacunas sobre a distopia, é o filme “Medida Provisória”, de 2020, que também pode ser utilizado dentro desta sequência com objetivos diferentes.

fatores - a degradação ambiental e a herança cultural musical - para trabalhar as leis n° 10.639/2003 e n° 11.645/2008.

Neste trecho da obra, Zuhri nos revela a realidade em que está inserida. Embora já tenha morado na luminosa Cidade Alta, ela optou por retornar à Cidade Baixa. Curiosamente, essa região encontra-se 60 metros acima do nível do mar, uma elevação resultante do acúmulo de lixo ao longo do tempo, que acabou moldando o ambiente e as condições de vida de seus habitantes. Essa parte do texto pode ser trabalhada de forma interdisciplinar com o professor de geografia, abordando a segregação espacial e também com o professor de ciências, abordando o tema transversal de Educação Ambiental previsto na BNCC.

A partir disso, o professor de geografia poderia apresentar o conceito de segregação socioespacial e sua ocorrência nas cidades brasileiras. Os exemplos poderiam ser Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. No caso da capital gaúcha, existe um bairro com o nome de Cidade Baixa, um ponto de segregação socioespacial muito importante para a atual constituição urbana; no século XIX, a Cidade Baixa recebia todos os excluídos da Cidade Alta, hoje uma área que corresponde a bairros de classes mais abastadas. Esse trabalho de geografia poderia culminar com a construção de um mapa comparativo da cidade fictícia com a cidade real analisada.

Ainda neste capítulo, Zuhri nos coloca a par da situação tecnológica e ambiental, necessária para a vida dos seres humanos; no mundo ficcional de *Iségún*, a tecnologia mantém as pessoas vivas, literalmente. Já houve ondas de calor em que pessoas morreram, a poluição do ar é insuportável, a água é reaproveitada, os aparelhos eletrônicos devem ser carregados com a luz solar. O visor na geladeira lembra a protagonista de usar protetor solar fator 60, no mínimo. As coletas de lixo orgânico e reciclável funcionam como uma verdadeira utopia e são necessárias para a sobrevivência de todos. Esses elementos tecnológicos e ambientais apresentados em *Iségún* podem promover reflexões sobre sustentabilidade, avanços tecnológicos e desigualdade social.

Aqui seguem algumas sugestões de trabalho como, por exemplo, (1) discutir as ondas de calor mencionadas no livro e compará-las com eventos reais, como os recordes de temperatura registrados recentemente; (2) explorar os impactos da poluição atmosférica e a importância do reaproveitamento da água, analisando como essas questões já afetam o mundo atual; (3) relacionar o uso da energia solar no livro com iniciativas sustentáveis no Brasil e no mundo; (4) trabalhar os efeitos da radiação UV e a importância do protetor solar, relacionando com o visor da geladeira, uma das cenas no livro; (5) comparar como, no livro, a tecnologia mantém as pessoas vivas e discutir se esse acesso é igualitário no mundo real; (6) trabalhar o conceito de utopia e distopia, debatendo se as soluções tecnológicas do

livro são realmente viáveis ou apenas um reflexo de um futuro desigual; (7) comparar *Iségún* com outras obras de ficção científica e afrofuturismo, explorando como a literatura pode antecipar problemas ambientais e sociais.

Diante desse cenário futurístico, por outro lado, chama atenção que Zuhri não quer ouvir as estações de rádio disponíveis, as contemporâneas e tecnológicas, as quais chama de “Zona Morta FM”. As músicas que a protagonista escuta são as da rádio clandestina, as antigas, as de raiz. E tanto as canções quanto a rádio irão acompanhar os leitores até o final da obra. De acordo com o locutor da rádio “DM fantasma”,

...aqui só tenho música para os teus ouvidos, aquelas linguarudas, fodásticas, esquecidas no tempo, que te contam alguma coisa, que aqueles ao seu redor não querem ouvir ou descobrir que você ouve. Então cuidado, porque se te enxergarem... você não vai mais poder fingir ser exemplar, meio tortinho, vai? (Ain-Zaila, 2019, p. 34)

Além de trazer músicas da cultura preta brasileira para a narrativa, a autora também coloca a rádio “DM Fantasma” no centro da investigação do assassinato, tornando o universo musical um elemento essencial para a construção da trama. Diante disso, incluir a música afro-brasileira como atividade pedagógica nesta proposta é fundamental:

A musicalidade é uma das características mais marcantes dos afrodescendentes. A música os remete a, ou ainda, traduz um pouco de sua ancestralidade. No Brasil colonial, nas senzalas, quando anoitecia, o som dos tambores e tamborins preenchia o espaço. Os senhores de engenho permitiam essas manifestações, pois acreditavam que isso diminuiria as chances de revolta. Mal sabiam que era aos sons dos tambores que os negros escravizados reafirmavam sua identidade, compartilhavam suas dores, lembravam a força de seus ancestrais – reesperança da libertação. (Silva; Santos; Oliveira, 2016, p. 191)

Uma primeira sugestão, aqui, é utilizar uma caixa de som para ouvir as músicas com os estudantes, promovendo a análise da letra em sala de aula. A atividade pode incluir questões interpretativas e a mediação de um debate sobre os significados da canção escolhida, estimulando reflexões sobre suas referências culturais, históricas e sociais. Dessa forma, pretende-se abordar a habilidade EM13LGG202 - que tenciona analisar as inter-relações entre diferentes linguagens e suas manifestações nos campos da vida social, considerando seus efeitos de sentido e a maneira como circulam em diferentes mídias e culturas. Uma das canções que são mencionadas no livro, por sua vez, é *Identidade*:

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai (Ain-Zaila, 2019, p. 60)

A música *Identidade* (1992) do compositor e cantor Jorge Aragão, pode trazer múltiplas oportunidades de reflexões em sala de aula. E, além dessa, a obra traz outros exemplos de canções. Esse trabalho de interpretar as músicas pode ser ainda estendido com outras canções do repertório brasileiro, inclusive em outros gêneros musicais, que mostrem essa temática do preto na sociedade. Uma pesquisa dos estudantes na internet pode revelar um vasto repertório que eles ainda não conhecem.

Além disso, ao trabalhar o ritmo brasileiro é fundamental reconhecer as influências africanas que desempenharam um papel essencial na construção da nossa cultura. Caso a escola conte com um professor de música, pode-se desenvolver um trabalho interdisciplinar utilizando tambores e pandeiros por exemplo, atingindo os objetivos previstos na habilidade EM13LGG501 - produzir textos em diferentes linguagens e mídias, adequando-os a seus contextos de produção e circulação, para atender a diferentes propósitos comunicativos.

A abordagem pode incluir aspectos teóricos, a origem desses instrumentos ou a discussão sobre a marginalização do samba no início do século XX. Essa proposta é especialmente relevante no contexto da obra, onde a música ocupa um papel de destaque, contribuindo para a construção da identidade multicultural dos estudantes. Além de promover reflexões sobre ancestralidade e resistência, essa atividade pode tornar o aprendizado mais dinâmico e envolvente. Como resultado desse trabalho, uma sugestão é a criação de uma playlist comentada, em que os alunos analisem o significado das letras das músicas escolhidas. Essa produção pode ser encerrada com uma conversa coletiva, incentivando a troca de interpretações e reflexões sobre a influência da música na formação cultural brasileira, dando conta da habilidade EM13LP53 - produzir textos orais, escritos e multissemióticos, com base em processos de pesquisa, para veicular e discutir informações e opiniões, considerando diferentes propósitos, públicos e contextos.

Em relação ao trabalho linguístico, vemos desde o início da narrativa palavras que têm significados desconhecidos na cosmovisão eurocêntrica. No capítulo três, por exemplo, a personagem principal vai questionar o próprio nome:

No início, eu achava os meus nomes estranhos: Zuhri, que significa “bom olhar”, em swahili, e Marvena, que se traduz como “criança de dois planetas”, anguiliano. Hoje faz todo o sentido. Eu moro na “Barreira do Mundo”, um bairro na fronteira entre o lá e o cá. Entre quem vive longe do risco do lixo imediato - Cidade Alta - e quem o vive empurrando para longe, para um outro lugar qualquer que não seja a porta da sua casa, ou sob os pés de suas crianças - Cidade Baixa. (Ain-Zaila, 2019, p. 39)

Para além do significado do nome da protagonista, esse excerto nos remete aos problemas ambientais, presentes na obra em sua totalidade, e ainda à questão étnico-racial brasileira, o que pode significar muito para os alunos pardos, que no caso também estão em uma espécie de fronteira do mundo, nem brancos e nem pretos.

A parte linguística pode ser explorada por meio da elaboração de um glossário desde o início da leitura, com a proposta de analisar a historicidade da língua, atendendo à habilidade EM13LP19 - reconhecer a variação linguística como um fenômeno natural e histórico e compreender os processos de mudança das línguas ao longo do tempo. Esse trabalho pode ser desenvolvido ao longo de várias aulas, permitindo que os alunos construam gradualmente um registro das palavras de origem africana, seus significados, a origem e evolução das palavras de matriz africana no português. Ainda possibilita que os alunos explorem a riqueza cultural presente na língua. Ao analisar termos como “mulato” e “moleque”, a atividade incentiva uma reflexão sobre como a língua carrega marcas históricas, culturais e sociais, evidenciando os impactos da colonização e das relações de poder na construção do vocabulário. Além disso, pode-se promover a compreensão dos processos de mudança linguística, permitindo que os estudantes questionem como certos termos adquiriram conotações pejorativas ao longo do tempo. Dessa forma, a atividade estimula uma abordagem crítica e reflexiva sobre preconceitos linguísticos e apagamento cultural, contribuindo para um uso mais consciente e respeitoso da língua.

A parte ambiental também pode ser trabalhada através de notícias de jornal, internet ou até mesmo reportagens da televisão sobre as mudanças climáticas. Todas as notícias, gráficos e infográficos ou tabelas podem ser compiladas em um mural. Imagine se, ao final do texto, os estudantes puderem rever as notícias do meio ambiente, em nosso país, durante o período da leitura? Isso traria uma ampliação sobre a consciência de preservação ambiental deles, além de trabalhar o gênero textual notícia, atendendo à habilidade EM13CHS602 - compreender os impactos das mudanças climáticas a partir de uma perspectiva histórica e social. Sabe-se que, em uma perspectiva histórica, os povos marginalizados são os mais afetados por essas mudanças, pois, já enfrentam condições socioeconômicas desfavoráveis, como acesso precário à moradia e saneamento básico, reflexão que pode ser incentivada junto à turma. O resultado final do trabalho pode vir a ser cartazes para o dia do meio ambiente e o glossário para o dia da consciência negra.

Uma outra proposta para trabalhar a interpretação e a língua portuguesa juntamente com o meio ambiente seria trabalhar o consumismo que gera tantos resíduos sólidos. Com o poema “Eu Etiqueta” (1984), de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, pode-se fazer uma analogia reflexiva

sobre o consumismo desenfreado e, dessa forma, abordar a habilidade EM13LP05 - relacionar textos literários à sua estrutura, ao seu contexto de produção e circulação e às condições em que são apropriados por diferentes leitores ao longo do tempo. A análise do poema "Eu Etiqueta", por sua vez, permite que os alunos compreendam como a literatura reflete e critica o consumismo, abordando as influências da sociedade de consumo na identidade e no comportamento humano. Relacionando-se o contexto de produção do poema com a realidade contemporânea, evidencia-se os impactos ambientais do consumo desenfreado, estimulando uma reflexão sobre a sustentabilidade. Além disso, a interpretação crítica da obra possibilita a associação da mensagem poética à educação ambiental e ao consumo consciente, promovendo um olhar mais atento para as consequências desse fenômeno. Por fim, a análise da estrutura do poema e de suas escolhas linguísticas ajuda os alunos a perceberem como as palavras e imagens poéticas reforçam a crítica ao consumismo, tornando a literatura um instrumento de conscientização e transformação social.

Após isso, chega-se à fase de interpretação e a metodologia de investigação oferece as ferramentas aos estudantes para que eles possam refletir sobre sua compreensão do mundo e emitir opiniões embasadas sobre o assunto estudado. A ideia de pesquisar traz autonomia e pode expandir o conhecimento dos alunos, abordando o previsto na habilidade EM13LGG701 - avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida social, considerando seus usos, suas funções e implicações éticas.

A ancestralidade e as origens africanas são alguns aspectos com os quais pode-se trabalhar a obra. Uma pesquisa⁷ ampla e multicultural sobre o "futuro ancestral", englobando tecnologia e cultura, pode mostrar aos alunos a sociodiversidade brasileira de maneira ilustrativa. A habilidade em questão é a EM13CHS603 - permitindo aos estudantes analisar a construção das identidades e das relações de alteridade dos indivíduos e grupos sociais nos diferentes tempos e espaços. Para isso, uma possibilidade seria verificar de qual maneira se encontram a história, a mitologia e as cosmovisões africanas na internet.

Pode-se sugerir uma pesquisa em grupos, para descobrir como surge um movimento que adquire a dimensão de afrofuturismo. Essa pesquisa, entretanto, contempla os objetivos previstos na habilidade EM13LP26 - que visa analisar como a literatura e outras expressões culturais representam

⁷ Uma sugestão de atividade complementar é o acesso ao site da Unesco, onde existe um pequeno acervo com a memória da cultura africana que pode ser visitado para alimentar essas discussões (<https://www.unesco.org/en/articles/decolonizing-teaching-africas-history?hub=74448>).

as identidades negras e a ancestralidade. Esses movimentos, por sua vez, se dão em vários âmbitos artísticos, como música, teatro, cinema, dança ou moda, por exemplo. Pode-se, por sua vez, estruturar a pesquisa com o exemplo a seguir.

Em um primeiro momento, desenvolve-se a etapa denominada “Explorar o passado”. Esse passo orienta-se pela investigação das seguintes questões: (1) Como surgiu o afrofuturismo? (2) Como grupos movidos pelos ritmos afro-americanos começaram a se expressar? (3) Em que contexto político, econômico e cultural isso aconteceu? (4) O afrofuturismo se relaciona com algum outro movimento cultural? Qual (is)? De que forma? (5) De que maneira o afrofuturismo se relaciona com o tempo? Há marcos no passado? Como se situa no presente? Como projeta o futuro? (6) Qual é o lugar das pessoas negras nesses mundos imaginados?

No segundo momento, intitulado “O presente, o futuro e a tecnologia”, a pesquisa daria conta dos seguintes elementos: (1) Onde está o afrofuturismo? (2) Quais as manifestações culturais negras relacionadas às tecnologias podemos encontrar na atualidade? (3) Que tipo de mundo, sociedade, lugar ou ambiente apresentam? (4) Quais são as cores, formas e elementos que aparecem?

Para além dessa sugestão, a internet disponibiliza diversos vídeos curtos, distópicos ou não, que podem auxiliar na contextualização da visão eurocêntrica enraizada em nossa cultura. Atualmente, a língua portuguesa e a tecnologia da informação estão integradas a todos os componentes curriculares, tornando essencial o uso da informática como ferramenta educacional. Nesse sentido, o emprego de recursos digitais, como plataformas educacionais interativas (Google Classroom, Kahoot, Padlet), editores colaborativos (Google Docs, Canva) e mesmo ferramentas de inteligência artificial, podem potencializar o aprendizado. Quando essas tecnologias são aplicadas de forma planejada e sistemática, é possível direcionar a atenção dos alunos para um aprendizado mais produtivo, reduzindo o uso dispersivo dos celulares — grande desafio educacional da atualidade. As TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), por sua vez, são amplamente utilizadas nos meios educacionais hoje, pois a cultura digital está permeando relações em todos os ambientes.

Para finalizar esta parte do trabalho, os estudantes podem eleger algum personagem do livro, ou da vida real, que mostra a representatividade do afrofuturismo, para fazer um avatar no aplicativo VOKI e apresentar aos colegas. O uso do avatar no VOKI proporciona uma produção multissemiótica, combinando imagem, voz e texto, ao mesmo tempo em que desafia os alunos a adaptarem a linguagem e a mensagem conforme o meio digital, o personagem e o público-alvo. Além de estimular a criatividade e o aprofundamento na representatividade dessa cultura, conectando literatura, história e tecnologia, o suporte digital oferece um elemento interativo e lúdico, tornando a atividade mais

envolvente e significativa. O avatar do VOKI pode ser utilizado gratuitamente e os alunos irão se divertir fazendo, além de aplicar a tecnologia à vida prática e se aprofundarem nos conhecimentos sobre o personagem negro eleito para a atividade. Essa proposta, por sua vez, atende ao previsto na habilidade EM13LP49 - a qual propõe a produção de textos orais e multissemióticos considerando as especificidades das linguagens e dos suportes de circulação, de acordo com os contextos de produção e recepção.

Uma outra possibilidade importante é a ressignificação da história, aproximando-a da realidade dos alunos, por meio da criação de uma nova versão ambientada no bairro ou na comunidade, permitindo uma releitura crítica e criativa da obra. Essa recriação pode assumir diferentes formatos, como história em quadrinhos (HQ), *fanfic*, paródia, poema, cordel, diário fictício, podcast narrativo ou resenha no Tik Tok, estimulando a criatividade e a expressão dos estudantes e aludindo à habilidade EM13LP27 - produzir textos escritos, orais e multissemióticos, considerando diferentes propósitos e interlocutores. Outra alternativa é a produção de uma resenha crítica, na qual os alunos possam analisar e expressar suas opiniões sobre a narrativa, relacionando-a com outras leituras e contextos sociais, buscando trabalhar a habilidade EM13LP48 - planejar e produzir textos argumentativos e críticos, como resenhas e análises. Além de promover o protagonismo estudantil, essa atividade fortalece a capacidade de interpretação, argumentação e produção textual. Também seria uma opção instigante redesenhar a capa do livro a partir das múltiplas interpretações da leitura dos alunos. Nesse sentido, tal proposta abordaria o objetivo previsto na habilidade EM13LGG103 - capacitar os alunos a compreenderem e utilizarem diferentes sistemas de signos de maneira crítica e consciente, aprimorando sua competência comunicativa em variados contextos sociais e culturais.

A capa da obra traz à tona o insólito literário, especialmente na aproximação entre Zuhri e Ayomide, um ser ancestral que transcende os limites do real e do imaginado. Mesmo não estando presente fisicamente, Ayomide aparece de forma constante, permanecendo na vida, na mente e na memória de Zuhri. Ela representa o passado que não deve ser esquecido, a ancestralidade que ecoa no presente e guia a protagonista em sua jornada de autoconhecimento. Ayomide é uma personagem extranatural, pois não apenas interage com Zuhri, mas a auxilia a se reconectar com sua essência e identidade. O que, à primeira vista, poderia parecer uma história convencional dentro da literatura fantástica ou da ficção científica, torna-se um veículo simbólico para explorar o universo feminino e o reconhecimento da identidade:

Añade más adelante que "Lo que en principio podría parecer una historia habitual en la literatura fantástica y, en especial, de la ciencia ficción, se convierte en vehículo simbólico para

indagar en el universo femenino y en el reconocimiento de su identidad[...] Son historias en las que los límites de lo real y de lo imaginado se difuminan" (Bay, 2016, p. 136)⁸

A presença de Ayomide é um lembrete da força ancestral e da necessidade de olhar para trás para compreender o presente e projetar o futuro. *Íségún* não apenas proporciona essa imersão no extraordinário, mas também apresenta uma narrativa afrofuturista que ressignifica o passado e propõe novas perspectivas sobre o futuro. E novas perspectivas são tudo que nossa sociedade precisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sugestões para a sequência didática que foram apresentadas aqui podem ser adaptadas de acordo com o planejamento do docente, que vai avaliar as atividades possíveis para suas turmas e para a escola na qual trabalha. Ao iniciar essa sistematização, é ideal que se trabalhe as quatro habilidades fundamentais da Língua Portuguesa: ouvir, falar, ler e escrever.

A fusão entre ficção científica e o realismo fantástico em *Íségún*, por sua vez, enriquece a narrativa e potencializa a reflexão sobre temas como memória, identidade e pertencimento, criando um espaço para que os leitores resgatem suas próprias histórias e raízes. A obra também traz uma afirmação positiva do povo preto, apesar das desigualdades sociais em evidência. A literatura fantástica desperta interesse nos leitores adolescentes, pois permite explorar outras realidades e expandir os limites da imaginação. Além disso, o gênero oferece um terreno fértil para que os estudantes criem releituras e produções próprias, utilizando a fantasia como uma forma de expressão crítica e criativa.

Por fim, as contribuições sugeridas aqui para a implementação das leis étnico-raciais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 não pretendem encerrar a discussão sobre a necessidade de reparação histórica aos povos pretos e indígenas, são apenas ideias endereçadas a docentes para auxiliar na aplicação das leis em sua totalidade dentro das salas de aulas neste país, objetivando decolonizar os currículos vigentes e a contribuir na leitura crítica do passado, presente e futuro por parte de nossos estudantes.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcel Alvaro de; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora Ventura; SILVA, Tiago Cavalcante da. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.

⁸ Acrescenta ainda que “O que à partida pode parecer uma história banal na literatura de fantasia, especialmente na ficção científica, torna-se um veículo simbólico para explorar o universo feminino e o reconhecimento da sua identidade [...] São histórias em que as fronteiras entre o real e o imaginário são difusas” (Bay, 2016, p.136, tradução da autora).

AIN-ZAILA, Lu. **Iségún**. São Paulo: Monomito, 2019.

BAY, Carmen Alemany. "Narrar lo inusual: Bestiaria vida de Cecilia Eudave y El animal sobre la piedra de Daniela Tarazona". *In: Romance Notes*, University of North Carolina, v. 56, n. 1, p. 131-141, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43803470>. Acesso em: 27 fev. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 25 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 25 jan. 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

DI SPAGNA, Julia. "'Uma História de Amor e Fúria': saiba como utilizar o filme no vestibular." *In: Guia do Estudante*, 2018. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/uma-historia-de-amor-e-furia-saiba-como-utilizar-o-filme-no-vestibular/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Jailson de; SANTOS, Patrícia; OLIVEIRA, Marcos (Org.). **Africanidade(s) e Afrodescendência(s)**: Perspectivas para a formação de professores. Vitória: EDUFES, 2016. p. 191.

Data de submissão: 28/03/2025. Data de aprovação: 26/05/2025.